

Telmo Varela



Forja de opinião

Dez artigos de candente atualidade sociopolítica



Forja de opiniom

Dez artigos de candente atualidade sociopolítica

Edita: CSAMT

Colabora: Diário Liberdade

Tiragem: 500 exemplares

csamt.blogspot.com

diarioliberalidade.org

Primeira edição, fevereiro 2012

Forja de opiniom

Dez artigos de candente atualidade sociopolítica

Índice

- Biografia	Página	7
- Apresentação	Página	11
- A crise atual e o movimento popular	Página	13
- Cortes contra quem?	Página	17
- A crise do sistema e as ensinanças do M-L	Página	21
- Basta de enganar	Página	25
- Líbia e os bombardeamentos da NATO	Página	27
- Venhem tempos de negras nubens de trovoadas	Página	31
- Para onde vamos	Página	35
- Quando a corrupção fica à vista	Página	39
- Sobre a linha de massas	Página	43
- O partido leninista	Página	47

Biografia



Nasceu na paróquia viguesa de Corujo a 13 de abril de 1955, no seio de umha família de mae labrega e pai operário do naval.

Aos quinze anos, começou a traballar de moço num comércio de roupas. Um ano depois, entrou a traballar com o seu pai no estaleiro Freire.

Aos dous meses, toca-lhe viver a sua primeira greve, em protesto polos assassinatos de Ferrol de 10 de março de 1972. Este facto e o exemplo de classe do seu pai fai que logo despertem inquietaçons políticas e sociais.

No setembro vermelho do ano 72, já participa ativamente na greve geral de Vigo, que durante quinze dias paralisa toda a comarca e onde se implementam por vez primeira tácticas de guerrilha urbana. Grupos de 50 ou 60 pessoas “saltavam” simultaneamente em diferentes pontos da cidade, trazendo em xeque a policía.

No transcurso desta luta, conhece a dirigentes obreiros como os irmaos Colaço, Moncho “o Dentes”, Benedito de Barreras, Anjo Guisande de Ascón e, naturalmente, a Xosé “Óscar” e Bráulio de Freire. Todos eles líderes naturais do setembro vermelho e

dirigentes da Organização Obreira. Mais tarde, conhece Hierro Chomón e Alonso Ribeiro, dirigentes comunistas que influírom muito na sua militância.

A finais do ano 1974 produzirom-se várias detenções, entre eles Bráulio e Guisande, e para eludir a repressom policial passa à clandestinidade e vai trabalhar para Ferrol.

Conhecendo pessoalmente dirigentes obreiros das luitas de março de 72, como Secundino do Pico, despedido de Bazán, detido e torturado selvagemente.

A inícios do ano 77, em plena Transiçom política, incorpora-se aos GRAPO e em setembro desse mesmo ano é detido em Madrid, quando estava a colocar umha bandeira republicana com explosivos-trampa. Resulta ferido de bala e é torturado durante 8 dias na DGS, apesar das feridas.

Passa três anos na prisom. Som três anos mui convulsos. Estava-se em plena Transiçom, a rua fervia e os cárceres também. As prisons ardem, há motins quase a diário. Participa em várias greves de fome e em várias tentativas de fuga

Está na prisom de Samora quando a famosa fuga dos cinco máximos dirigentes dos GRAPO: Cerdán Calixto, Abelardo Colaço, Martín Luna (os três assassinados pola polícia), Bretons Beneito e Hierro Chomón.

Sai da prisom de Samora no ano 1980, incorporando-se de imediato aos GRAPO. Em novembro deste mesmo ano, é detido em Sevilla. De novo é ferido de bala e torturado durante cinco dias.

Umha vez na prisom, participa em diversas greves de fome e em vários protestos para melhorar as condições de vida na cárcere, o que provoca que o transfiram constantemente de prisom.

No ano 1990, em represália por ter estar em greve de fome em contra da dispersom dos presos e presas políticas, é transferido da prisom de Sória a de Ceuta.

No ano 1991, disvincula-se por completo dos GRAPO e permanece preso até o ano 2001.

Desde o ano 1998 até a sua libertaçom, está em terceiro grau (regime aberto), saindo polo dia para trabalhar e pernoitando na prisom.

FORJA DE OPINIOM

Dez artigos de candente atualidade sociopolítica

Encontra trabalho de eletricista no naval, e volta de novo às suas origens. Um setor com o qual sempre se sentiu identificado e à vontade.

Aos poucos meses de sair da prisom, filia-se à CUT, começando a participar em todos os conflitos do metal e do naval até a sua detençom a 9 de março de 2011.

Além da luta sindical, participa ativamente na luta vicinal, chegando a ser durante dous anos presidente da associaçom vicinal de Corujo, no período em que houve umha forte oposiçom vicinal ao PGOM e umha luta mui interessante e eficaz contra a chamada "ronda de Vigo".

Nesse mesmo período, por iniciativa da associaçom vicinal, criárom-se várias comissons: de saneamento, 'Ronda nom' e a comissom vicinal de atingid@s pola depuradora. Telmo tivo um destacado papel numha das luitas vicinais mais importantes de Vigo.

Por esta luta vicinal foi processado, junto a oito dirigentes vicinais, sendo julgado em 2008 e condenado a pagar umha multa.

Também foi presidente do CRAC de Corujo (centro cultural) desenvolvendo atividade para aproximar a juventude de iniciativas lúdicas e culturais.

O sistema nom perdoa quem se atreve a desafiar as suas leis e normas, por isso segue preso e se assanham com ele.

Desde que foi detido, já passou polas prisons da Lama, Dueñas (Palência) e Topas (Salamanca).

O sistema carcerário é concebido para destruir a pessoa, submetê-la e humilhá-la. Por isso é fundamental, na prisom, conservar a dignidade e seguir lutando contra as humilhaçoms.

Apresentaçom

A detençom de um revolucionári@ - neste caso de um sindicalista com umha dilatada militância comunista, fai parte dos riscos que se adquirem quando se luta de forma honesta e coerente em prol dos interesses do proletariado, da Pátria e das camadas populares. Telmo sabeo-o muito bem. Nom é a primeira vez que paga com prisom a sua insubornável entrega com a mais bela causa em que se pode -e sobretudo deve, comprometer um ser humano.

Ao longo da história da luta e classes, nos lugares mais diversos do mundo, centenas de mulheres e homens presos nas masmorras dos opressores nom se deixárom vencer, nem cedêrom nos seus sonhos por tomar o céu por assalto, transformárom a prisom na sua nova trincheira de combate.

O camarada Telmo Varela leva preso desde 9 de março de 2011. Primeiro na cárcere da Lama, posteriormente dispersado para o presídio espanhol de Dueñas (Palência) e atualmente em Topas (Salamanca). Seguindo a melhor tradição do marxismo, tal como antes figérom Gramsci, Rosa Luxemburgo ou Fidel, por citar só alguns exemplos, Telmo, que é um ativista obreiro, um agitador, um sindicalista a pé de fábrica, um lutador de rua, quer contribuir de forma ativa nesta conjuntura de profunda crise sistémica para o rearmamento da esquerda revolucionária galega.

FORJA DE OPINIOM

Dez artigos de candente atualidade sociopolítica

A única maneira de o fazer é por meio de umha das armas mais poderosas que temos os oprimidos e oprimidas: a tinta. Desde novembro de 2011, Telmo está a enviar de forma regular artigos de opiniom sobre temas candentes de atualidade social e política. Com um refinado estilo direto e divulgativo, com umha linguagem simples e entendível para a massas, combinada com o rigor conceitual de quem conhece perfeitamente o marxismo, mas também as engrenagens do capitalismo, Telmo tem publicado até o momento dez artigos no portal anticapitalista galego Diário Liberdade, numha coluna intitulada *Forja de opiniom*.

Coincidindo com o primeiro aniversário da sua detenção, o Comité de Solidariedade e Apoio a Miguel e Telmo (CSAMT) publica em papel os dez artigos que entre novembro de 2011 e janeiro de 2012 Telmo enviou de punho e letra para o exterior das prisons do inimigo. Como nom podia ser de outro jeito, som um apelo constante à resistência, à organização, à luta obreira e nacional. Som, sem lugar a dúvidas, o seu melhor contributo para a Revolução Galega.

Galiza, fevereiro de 2012

A crise atual e o movimento popular

A crise atual é umha crise da que nom há saída. Umha das caraterísticas fundamentais desta crise é a sua sincronizaçom em todos os países capitalistas e o seu entrelaçamento com as crises estruturais e a com a crise geral do sistema (económica, política, ideológica, et cétera).

A sincronizaçom da crise deve-se à dependência no desenvolvimento técnico-económico dos principais países capitalistas, que figérom possível a crescente globalizaçom da economia, a divisom internacional do trabalho e a integraçom monopolista internacional.

A crise atual é umha crise de superproduçom, mas dada a enorme massa de capital fixo investida e os avanços técnicos que permitem conhecer a conjuntura económica e as existências armazenadas em cada momento, varia na forma de manifestar-se, apresentando-se em pequeno grau como crise de superproduçom de mercadorias e em maior grau como crise de superacumulaçom de capital produtivo, em primeiro lugar de capital fixo.

Por todos estes motivos, a crise económica que vem padecendo o sistema capitalista, em lugar de dar o passo a um período de animaçom e prosperidade da economia, transforma-se numha crise crónica de todo o sistema capitalista, com a conseguinte

estagnação da produção, o incremento incessante do desemprego, a elevação dos preços, incremento dos impostos, et cétera. Nestas condições agravam-se todos os problemas e lacras sociais e incrementa a luta de classes.

A saída à atual crise fai-se cada vez mais difícil, por nom dizer impossível, no quadro do próprio sistema. A falta de organizações políticas verdadeiramente revolucionárias, permite que o sistema capitalista tome oxigénio e dé bandajos de um lado a outro, procurando sair do atollhadeiro, entregando dinheiro público a maos cheias à Banca e aos grandes consórcios empresariais. Para que à volta da esquina voltem a estar como o princípio, necessitando mais resgates económicos.

Este conjunto de factores internacionais fai que hoje as contradicões económicas, políticas e sociais agravam-se até tal extremo no seio dos países capitalistas, criando as condições favoráveis para o desenvolvimento da revolução social.

Precisamente, pola falta de organizações políticas revolucionárias, com implantação, jurdem ao longo do Estado (também na Galiza) organizações democráticas e populares, com o objetivo de responder a um amplo leque de demandas e reivindicações e defender os logros sociais que com a crise querem arrebatat.

Após o 15-M o cenário social é substancialmente diferente ao que havia tam só há um ano. As ocupações de espaços públicos, as assembleias em praças e ruas, as palavras de ordem como "vai acabar, vai acabar a paz social" fôrom-se propagando desde o passado maio e superárom os moldes dos protestos clássicos. Quebrando com corsés e ataduras que por todos os meios os partidos políticos oportunistas empenharam-se em sujeitar ao movimento obreiro e popular.

Há que aprofundar nestas novas formas de luta democráticas e assembleares, sem as tutelagens dos reformistas e dos agentes do sistema capitalista. Umha vez que estas formas de luta estejam consolidadas há que alargá-las ao mundo laboral, onde um modelo de relações laborais automatizado e um movimento obreiro desorientado e desorganizado está impedindo que a classe obreira ocupe o papel que historicamente lhe corresponde: verdadeiro motor e vanguarda da luta de classes. A situação de emergência social exige passar à ação e a classe obreira deve ter que jogar um papel determinante.

Qualquer projeto consequentemente revolucionário tem que passar

necessariamente polo mundo do trabalho, no que hoje por hoje, e ao abeiro do que fam os sindicatos do sistema, falta-lhe dramaticamente o espírito da rebeliom que nasce dum impulso como o do 15-M, que quebre com todo o velho e caduco, e vejam a necessidade geral de mudar radicalmente as regras de jogo. Tanto mais quanto o capitalismo que padecemos esta retornando a posiçoms cada vez mais reacionárias.

Tod@s sabemos que CCOO e UGT estám instalados no sistema, vivem e comem a conta dele, entom nom vam a combater um sistema que os mantem. Porém, os sindicatos de classe e combativos, nom acabam de arrancar, a menudo andam enfrascados em superar muitas das curtas miras, pola sua visom exclusivamente economicista. Nom acabam de entender que a luita sindical tem que olhar mais alá da simples luita económica. Também nom falta certo conservadurismo encaminhado a perserverar os logros orgánicos atingidos, coartando assim o seu próprio desenvolvimento, remisso a dar grandes passos adiante, temendo que podam pór em perigo os logros alcançados.

É certo que o sindicalismo combativo mantém muito em comum com o 15-M, como é a defesa da assembleia como centro decisório, a sua independência política e o rejeitamento total ao sistema capitalista, assim como o afam por vias novas, mais dinámicas e efetivas. Por iso, é importante para o movimento obreiro e popular procurar vias de achegamento e entendimento com o 15-M. O espírito do 15-M fai-se valer, sem dúvida, em determinados setores da classe obreira, ao tempo que o sindicalismo de classe transmite ao movimento 15-M umha dimensom obreira e de oposiçom total aos sistema capitalsita.

O que, hoje por hoje, parece indiscutível é que o sindicalismo combativo só perde se nom move ficha e nom aproveita umha tessitura tam particular como a que atravessamos. A olhos de muitos seria um estrepitoso fracasso do sindicalismo revolucionário nom dar um passo ao frente com energia, e com decisom colher responsabilidades políticas, para por-se à altura das circunstâncias e junto com o 15-M cimentar um movimento conjunto que se enfrente real e radicalmente aos sistema capitalista

Prisom de Dueñas (Palência)

2 de novembro de 2011

Cortes contra quem?

Os políticos ao serviço do sistema monopolista, empresários e rapinas dos meios de comunicação, perante os envites da crise global e estrutural do sistema capitalista, coreiam todos a umha que fam falta cortes sociais e apertar o cinto, polo bem da sacrossanta propriedade privada.

Quando falam de cortes mencionam aqueles que nos afetam de umha forma dramática e contundente as camadas populares, como som a educação, a sanidade pública, as ajudas a dependência, o desemprego, etc.

Quando reclamam apertar o cinto, estão a dirigir-se clara e cinicamente aos mesmos de sempre, aos obreiros e às classes populares que geramos a riqueza, mas que somos os mais despossuídos e os que mais sofremos a crise.

Ninguém fala de cortar os exagerados lucros da Banca. Nem ninguém se atreve sequer a mencionar que em tempos de crise se deveria revisar um dos temas mais alarmantes enquanto a sangria económica se refere: os ingentes gastos em defesa. Os exércitos nom só consomem enormes recursos económicos, necessários para outros usos, como som um estorvo e umha ameaça para as liberdades políticas e sociais. A imensa maioria dos comandos do exército som de ideologia conservadora e reacionária, amamentados polo franquismo. Todos sabemos quais som os seus princípios, as suas normas e o seu cometido.

Efetivamente, a primeira razom para por em questom a existência dos exércitos é, precisamente, a ideológica, além da económica num momento em que se estão a cortar serviços básicos para a populaçom. Quando nom há camas hospitalares nem quirófanos, para que necessitamos avions de combate, tanques com a última tenologia, ou armamento moderno e caríssimo? Quantos milhons de euros gastos em armamento vam desde o mercado ao ferro-velho sem ser utilizado? Passou tanto tempo que já ficam caducos e antiquados sem estrear.

Porém, um quirófano é utilizado de cotio; um colégio enche-se de crianças ano após ano; médicos e mestres trabalham de seguido. Os militares trabalham? Eu sinceramente nom o sei. Ninguém sabe que labor realizam os militares nos seus quartéis. Ah!, isso sim, o exército imperialista espanhol dispom de mais generais que qualquer outro país da Europa e com melhores salários.

A ocasiom desta reflexom é a profunda crise que ao parecer açouta todos exceto o exército parasita, que nos chupa o sangue sem que nos demos conta.

O Estado espanhol, com cerca de cinco milhons de desempregad@s e com umha situaçom económica mui preocupante, deveria de desprender-se desta lacra e pôr sobre a mesa o aforro do gasto do Exército, a Monarquia (outra instituiçom parasita e cada vez com mais parasitinhos comendo...) et cétera.

Numha verdadeira democracia o povo é que decide e deveria poder decidir se necessitamos e queremos estas duas instituiçoms que só consomem ingentes recursos sem produzir nada em troca.

Podemos falar dos médicos, dos mestres (chamam-nos preguiçosos nas altas instâncias), dos políticos ladrons, dos banqueiros corruptos, mas ah!, falar do Exército ou da Monarquia segue a ser tabu. Numha democracia que se prece, nom pode ser um tabu falar e debater sobre a possibilidade de desmantelamento do exército nem da Monarquia.

Nom é fácil concretizar a quantidade exata dos gastos militares, pola opacidade que os rodeia. Mas a sua importância pom-se de manifesto esporadicamente com notícias que som de somas verdadeiramente escandalosas.

Seria saudável pôr em questom também as operaçoms denominadas "missions de paz", sejam às ordens da ONU, como na Bósnia ou no Afeganistám, ou sob o comando da NATO, como no Iraque ou como a atuaçom criminosa contra a

FORJA DE OPINIOM

Dez artigos de candente atualidade sociopolítica

populaçom civil da Líbia. Nom som um êxito nem um exemplo para os povos, para as liberdades e muito menos para as relaçoms fraternais entre os povos. Polo contrário, o derrocamento dos governos legítimos desses países atraem a ira face os exércitos invasores que regam as suas ruas de sangue de gente civil, inocente, mulheres e crianças que nom saem do seu assombro perante tanta destruiçom e morte.

O povo trabalhador nom entendemos a que vam os soldados do exército fascista espanhol a essas guerras de rapina, assassinar povos que nom nos figérom nada, que estám vivendo tranquilos nos seus países de origem. Tampouco entendemos quais som os lucros dessas incursons para o povo, cuidamos que mais bem pagamos as conseqüências em milhares de milhons que saem do bolso de todos e todas as contribuintes.

A sociedade, sem tabus, necessita pôr sobre a mesa o desmantelamento do exército e de toda a sua maquinária de terror e morte, assim como também a monarquia que, em tempos de crise é um luxo desnecessário.

Se som necessários cortes, comecemos por estes dous estamentos, já que nom teria efeitos negativos na populaçom, nom os iamos notar e seguiríamos a desfrutar serviços sociais básicos, como a sanidade e a educaçom pública.

Prisom de Dueñas (Palência)

6 de novembro de 2011

A crise do sistema capitalista e as ensinanças do M-L

A sociedade capitalista já há uns anos que atingiu o seu mais alto grau de desenvolvimento económico, a partir do qual inicia a entrar numha crise de tal calado que nom dá saído nem sairá. Ora bem, a sua própria descomposiçom interna, por si só, nom leva à desaparichom do sistema capitalista.

E polo que estamos a ver, tampouco as greves gerais. Na Grécia no ano 2010 levárom a cabo 8 greves gerais, no que levamos de ano 7 e a situaçom nom melhorou nem se freou a aplicaçom de cortes sociais por parte do Governo.

Todo indica que estamos num longo período de convulsions que vai obrigar as massas a aplicarem formas de luta muito diferentes às utilizadas até agora.

Por todo isto, é importante analisar detidamente as ensinanças que nos deixou Lenine *"O marxismo exige incondicionalmente que o problema das formas de luta se foque historicamente. Formular este problema à margem da situaçom histórica concreta é tanto como nom compreender os rudimentos do materialismo dialético"*. E prossegue: *"em diferentes momentos da evoluçom económica, com a sujeiçom a diversas condiçons políticas, culturais-nacionais e de vida, et cétera, destacam-se em primeiro lugar diferentes formas de luta principais e, em relaçom com isto, variam a sua vez as formas secundárias, acessórias. Quer responder simplesmente que sim ou que nom a um determinado meio de luta, sem entrar a considerar em detalhe a situaçom concreta do movimento de que se trate numha fase dada do seu desenvolvimento, equivale a sair totalmente do terreno do marxismo"*¹.

E bem, em cada momento da evoluçom económic e consoante as diferentes condiçoms políticas, um método de luta principal pode passar a secundário e é aqui a importância da aplicaçom do materialismo dialético. Lenine também nos dá umha clara explicaçom a este respeito: *"Na década de setenta, a social-democracia rejeitava a greve geral como panacea social, como meio para derrocar de golpe a burguesia por umha via nom política, mas reconhecia plenamente a greve política de massas (...) como um dos meios de luta necessários em certas condiçoms. A social-democracia reconheceu a luta de barricadas na rua pola década de 40 do século XIX –rejeitando-a em troca, a finas de dito século, à vista de determinados dados- e mostrou-se plenamente disposta a revisar esta última conceçom, ao reconhecer a conveniência da luta de barricadas depois da experiência de Moscovo, em que se manifestou, segundo as palavras de Kautsky, umha nova tática deste tipo de luta"*².

Historicamente, porém, essas contínuas mudançoms de tática que venhem impostas por cada conjuntura económic e política, pode-se dizer que de primeiros de século, desde a entrada do capitalismo na fase imperialista e o início da nova era revolucionária que isto trouxe consigo, a tendência do movimento revolucionário é a empregar novas e cada vez mais elevadas formas de defesa e de ataque, a luta guerrilheira. Ou bem rural ou urbana, ou ambas.

Hoje nom nos achamos na época da livre concorrência económic e do império da constituiçom democrática, quando lhe era possível à classe obreira organizar-se e utilizar as mesmas instituiçoms burguesas para *"luitar contra essas mesmas instituiçoms"*, tal e como Engels assinalou. Hoje achamo-nos no monopolismo e a reaçom política, quando a burguesia mesma há tempo que rompeu a legalidade democrática que governou todos os seus atos noutros tempos, quando o capital monopolista eliminou todas as travas jurídicas e instituiçoms que impediam a sua atuaçom contrarrevolucionária aberta. Era lógico, pois, que a tática da luta do proletariado conservasse até entom, junto às novas formas, parte das antigas; ora bem, tal como indicou Lenine, estas últimas formas deveriam subordinar-se às primeiras, quer dizer, os novos métodos de luta engendrados polas novas condiçoms económic e políticas, e polo auge do movimento revolucionário de massas em acelerado desenvolvimento. *"As antigas formas -dizia Lenine- rompêrom-se. Pois resultou que o seu novo conteúdo antiproletário, reacionário, adquirírom um desenvolvimento desmesurado"*; portanto, chamava Lenine, há que *"transformar, vencer e submeter todas as formas, nom só as novas, como também as antigas; nom para se conciliar com estas últimas, mas para saber converté-las*

todas, as novas e as velhas, numha arma completa, definitiva e invencível do comunismo"³.

Dumha maneira mais ou menos acertada e consciente, toda organização revolucionária que se aprecie deve aplicar os métodos de luta que correspondem às novas condições históricas.

Quero finalizar com as ensinanzas de Lenine sobre os métodos de luta com umha citação aparecida no *Abrente* nº 62.

"O marxismo, que rejeita incondicionalmente todo o que forem fórmulas abstratas ou receitas doutrinárias, reclama que se preste a maior atenção à luta de massas em marcha, que, com o desenvolvimento, com o crescimento da consciência das massas, com a agudização das crises económicas e políticas, engendra constantemente novos e cada vez mais diversos métodos de defesa e ataque.

*Daí que o marxismo nom rejeite incondicionalmente nengumha forma de luta. O marxismo em modo nengum se limita às formas de luta possíveis e existentes só num momento dado, já que reconhece a inevitável necessidade de formas de luta novas, desconhecidas para quem age num período determinado e que surgem ao mudar a conjuntura social dada. Neste aspeto, o marxismo aprende, se for admitida a expressom, a prática das massas e nada mais longe dele que a pretensom de ensinar as massas formas de luta caviladas por "sistematizadores" de gabinete. Sabemos -dizia por exemplo Kautsky, considerando as formas da revoluçom social- que a futura crise trará novas formas de luta, que agora nom podemos prever"*⁴.

Prisom de Topas (Salamanca)

6 de dezembro de 2011

Notas

1. V.I. Lenine: "A guerra de guerrilhas".
2. Idem.
3. V. I. Lenine "O esquerdismo, doença infantil do comunismo".
4. *Proletari* nº 18, 13 de setembro de 1905.

Basta de enganós

A crise por que está a passar o setor naval há que enquadrá-la no seio da crise crónica e geral que está a padecer o sistema capitalista.

Dizer aos trabalhadores e trabalhadoras e querer convencê-los de que todos os seus problemas e males som conseqüência das bonificaçõs do "tax lease" é tomar-lhes o pelo, enganá-los e tomá-los por parvos.

Todos os profissionais do sindicalismo (liberados e todos aqueles que vivem dos seus respetivos sindicatos) insistem teimosamente em que o problema é o "tax lease", e nengum deles mencionam nem umha só vez que o verdadeiro problema é o sistema capitalista.

Nom vos parece estranha e suspeita esta atitude?

Nas numerosas declaraçõs, nengum dirigente sindical exclamou: já dobramos bastante o lombo! Já trabalhamos bastante para os ricachõs, sem sairmos da miséria! Basta de enganós! Basta de tolerar que nos explorem e nos roubem! Nengum deles menciona que queremos umha sociedade nova e melhor organizada, sem tanta exploraçom. E, nesta sociedade nova, é melhor que nom haja ricos nem pobres, todos deverám trabalhar.

Nom serám uns quantos ricachons, e sim todos os trabalhadores e trabalhadoras, os que deverám gozar dos frutos do trabalho comum. De nada disto nos falam.

Basta de meias tintas e enganons! Som horas de sairmos à rua e luitarmos com todas as forças e despregar faixas com palavras de ordem como estas: "Defendamos o Naval com mobilizaçons e luta!" "Viva a luta obreira!", "Viva o Socialismo!".

Se animamos a obreiras e obreiros a lutar, os obreiros nom nos rendemos, sabemos que a nossa causa é justa e luitaremos até as derradeiras conseqüências. Adiante, pois, luitemos pola nossa liberdade e a felicidade de todos os trabalhadores, luitemos polo nosso futuro. Só nós podemos fazê-lo, de nós depende.

A construçom, a automaçom, a sanidade e o ensino público nunca tivérom bonificaçons de "tax lease" e também estám em crise. Fica claro, pois, que o "tax lease" é a panaceia que utilizam os sindicatos maioritários para esmagar-nos, confundir-nos e enganar-nos. E para dar-nos esperanças de que, se os governantes aprovam algo parecido, haverá contratos.

Inventam o que seja para nom fazer um apelo claro e com todas as conseqüências à luta. Temem mais a luta na rua que um burro umha vara verde.

A situaçom é tremendamente crítica e cada dia que passa é pior. Nom podemos perder mais tempo, devemos lutar como sempre figemos. O naval sempre mostrou que sabe defender os seus direitos. Desde o ano 72, o naval foi a ponta de lança e o exemplo a seguir para toda a classe obreira galega. Nom o defraudemos!

Prisom de Topas (Salamanca)

10 de dezembro de 2011

Líbia e os bombardeamentos da NATO

Falar da Líbia é um debate especialmente virulento no campo progressista, porque a maioria das vezes tendemos a simplificar os conflitos quando, por regra geral, som dumha complexidade extraordinária, deixando-nos levar, muitas vezes, pola opiniom maioritária dos meios de comunicação capitalistas.

Poucos sabemos que a Líbia, com Muamar el Gadafi ao frente, tratou de consolidar a uniom árabe e africana. Umha das razons que se aduzem para justificar a agressom contra a Líbia é que estava a tentar criar umha espécie de moeda ou unidade de pagamento para toda a África, usando as suas grandes reservas de divisas e de ouro. Por este atrevimento, o regime foi difamado polos meios de comunicação imperialistas.

Todo o mundo sabe que houve movimentos sociais mui importantes na Tunísia, Egito, Iemem, Barein... com centenas de mortos pola repressom governamental, mas nom há provas de que existisse umha movimentação social importante na Líbia prévia aos bombardeamentos da NATO. É mais que curioso que, tendo todos os sistemas informativos abertos, nom existam provas substanciais nem de manifestaçons nem dumha repressom contra essas manifestaçons.

Porque a NATO atacou a Líbia e nom o Egito ou o Iémen, onde houve as manifestaçons mais potentes, com centenas de mortos?

Sabemos que um movimento social forte derroca o governo por si mesmo, nom necessita ajuda da NATO; é formado por umha liderança nova, nom como o Conselho Nacional de Transiçom, que é composto por velhos ministros de Gadafi, monárquicos idristas (e nom se vê nengum movimento popular no mundo que seja integrado por defensores da monarquia).

Quando a monarquia está acarom dos interesses populares? Um movimento rebelde nom opera com tanques de guerra nem armamento de última tenologia. É sumamente estranho.

Se há um movimento social de esquerda na Líbia, deve estar a lutar contra as forças da NATO. Umha esquerda que aplauda a NATO e o seu objetivo de destruir um país petroleiro, tem tanto de esquerda como Sarkozy e Merkel. Parece um disparate, algo insustentável.

As organizaçoms realmente de esquerda, desde um princípio, mostrárom a solidariedade com os movimentos democráticos da Tunísia, Egito, et cétera, e denunciárom a intervençom da NATO e das potências imperialistas europeias e dos EUA na Líbia.

As pessoas de esquerda condenamos a invasom da NATO e sempre proclamamos que as soluçoms dos problemas internos da Líbia correspondem só e exclusivamente à Líbia, de acordo com a Carta das Naçoms Unidas. Fôrom tantas as invasoms estrangeiras em países soberanos, que vemos com desconfiança todas as ingerências. Neste caso, num país como este, que tinha adotado diversas medidas de afiançamento da soberania e de melhorias da populaçom. Que umha parte da "esquerda" europeia confunda umha invasom estrangeiras com um movimento social obedece a que... quanto há que nom fai umha revoluçom?

Quem combatia a NATO na Líbia? Gadafi, sem lugar a dúvidas. Nom concebo ninguém de esquerda na Líbia que nom estivesse a combater contra os massacres da NATO. Nem no mundo árabe, nem islâmico, nem no mundo em geral. Haveria que mostrar que o levantamento popular existiu. E se fosse assim, deveria lutar contra a NATO. Todas as intervençoms estrangeiras nos movimentos nacionais fôrom sempre nocivas.

As pessoas de esquerda sentimo-nos mui surpreendidas e estranhadas quando escuitamos que umha potência imperialista luta desinteressadamente pola democracia. Sobretudo quando tem todos os visos de umha guerra de rapina.

Já se publicou que Sarkozy reserva para França 35% do petróleo da Líbia; houve umha repartiçom entre as potências agressoras numha conferência internacional, entre Merkel, Cameron, Sarkozy e Berlusconi. Honestamente alguém acredita que Berlusconi, Merkel ou Cameron sejam dirigentes de um movimento popular?

Seguramente a única soluçom prévia para evitar a invasom era que a Líbia entregasse de graça o petróleo aos países da NATO.

A NATO nom está detrás da democracia, mas do petróleo, das matérias primas e das riquezas dos países agredidos. Se estivesse a favor da democracia, bombardearia a própria ONU que é a instituiçom mais antidemocrática que um pode imaginar.

O nível de vida do povo líbio com Gadafi era o mais alto do continente africano. Veremos que lhe deparam a partir de agora, sob mandato dos fantoches de Ocidente.

Prisom de Topas (Salamanca)

10 de dezembro de 2011

Venhem tempos de negras nubens de trovoadã

E tal a situação que estamos a viver, e perante os novos cortes, já anunciados polo flamante governo do PP, que som previsíveis distúrbios inconscientes e desorganizados, espontâneos e às vezes sem tom nem som.

Por isso é fundamental que o movimento obreiro, que é o movimento da classe mais avançada, o proletariado, se organize a passos agigantados. Esta é a tarefa principal da organização de vanguarda.

A propaganda e agitação tem que ser contínua, alertando e orientando as massas da importância da luta consciente e organizada para que as revoltas, greves, manifestações políticas contra a oligarquia tenham resultados favoráveis para a acumulação de forças revolucionárias.

O inimigo desde o ano 2007 vem preparando-se com o incremento das forças repressivas, na sua modernização e aquisição de novas e mais sofisticadas armas, para afrontar ferozes confrontos e reprimir com contundência o movimento obreiro. É importante denunciar e alertar o povo deste rearmamento do inimigo. Mas mais importante ainda é organizar. Educar e preparar o povo para formas superiores de luta revolucionária.

Os abusivos e criminosos cortes e as vergonhosas medidas de austeridade contra o

serviços públicos, vam obrigar as massas a verdadeiros combates com as forças da "ordem" (desordem) na rua, a batalhas nas barricadas. Seguramente nom vai ser amanhã, mas todo aponta, e as últimas medidas assim o confirmam, que os acontecimentos se encaminham nessa direçom.

Com toda a segurança, antes de utilizar as forças repressivas (já preparadas e armadas até os dentes para esmagar o povo), a oligarquia vai recorrer aos políticos e sindicalistas bem pagos para que nos mintam, nos enganem, nos desmoralizem e nos dividam; e se isto nom lhes der resultado, pôr-se ao frente dos protestos para desviá-las dos seus verdadeiros objetivos e enleá-las em reivindicaçõs que nom conduzem a nengures. A história do movimento obreiro está cheia destes exemplos. Sempre que o movimento popular nom está bem organizado e corretamente dirigido, os lacaios do grande capital conseguem o seu propósito.

Para que nom consigam o seu objetivo, o movimento obreiro necessita o Partido para organizar as amplas massas e aplicar de maneira rigorosa os métodos do trabalho conspirativo que fam com que as massas vaiam de vitória em vitória.

O Governo vai fazer esforços desesperados e pôr em jogo toda a classe de subterfúgios para impor ao povo trabalhador os planos económicos dos banqueiros e oligarcas de serviço. Estám decididos a consegui-lo sem escatimar em forças nem em meios. Vam sufocar, desde o mesmo início, e sem olhar a meios, qualquer foco de resistência e rebeldia.

O nosso dever, como revolucionários e revolucionárias, é apoiar com todas as nossas forças as luitas ali onde se derem e explicar às massas obreiras e ao povo em geral a transcendência que a luta tem para defender os nossos interesses de classe e ajudar a atingir a verdadeira liberdade para todo o povo trabalhador. É necessário agrupar todas as forças numha mesma direçom e fazer entender que o inimigo é o mesmo para todos e em todas as luitas.

Greves, manifestaçõs, batalhas na rua, tais vam ser as conseqüências da desesperaçom a tantos cortes por parte do Governo. Chegaremos, por último, à etapa posterior, o que, com certeza, nom significa que o movimento se ache já, na sua totalidade, nesta fase superior de organizaçom e de luta consciente.

No movimento há ainda muitas cousas sem desenvolver; na populaçom veem-se bastantes traços de submissom, de passividade e resignaçom. Mas o que de verdade vai suceder é que as vagas de luitas espontâneas vam superar a

capacidade das organizações independentistas revolucionárias.

Entom vai ser quando os elementos da vanguarda nom vam a ter mais remédio que pôr-se à frente da luta e nom em virtude de razoamentos teóricos, mas pola pressom e a força do crescente movimento.

Entom há que pôr-se à altura das tarefas novas, superiores, de luta, de luta encarnçada contra um inimigo despiadado e cruel. Toca-nos trabalhar arreio.

Prisom de Topas (Salamanca)

22 dezembro de 2011

Para onde vamos?

O desemprego na nossa oprimida Galiza incrementou de forma alarmante, no ano 2010 fôrom 20.000 desempregadas e desempregados mais que o ano anterior.

Este ano que entramos, com todas as reformas em marcha e com todos os planos de ajustamento do novo governo de Marianito, prevê-se um maior incremento do desemprego e um pioramento das nossas condições de vida.

Os salários som cada vez mais baixos, porque os empresários se aproveitam da crise para conseguir maiores lucros, imponhem salários reduzidos e precarizam as condições de trabalho. Menos salários, menos investimentos e mais lucros.

Como lhes parecem poucos cortes, poucos apertos de porca, anunciam mais, para suprimir, sem mais nem menos, a negociaçom coletiva, o direito a greve, o direito a opinar e organizar-se, a erguer a cabeça, para tornar mais chao o caminho do patronato.

Todas as reformas e todos os ajustamentos fôrom e vam encaminhados a facilitar melhores condições ao patronato, enquanto os que produzimos riqueza apertamos o cinto mais e mais.

É indubitável que estas novas reformas e novos ajustamentos, do novo governo, suporám um novo ataque aos nossos direitos, entre eles a negociação coletiva, ao quadro próprio das nossas negociações: suprimirá, limitará ou condicionará os nossos convénios. Querem centralizar em Madrid as negociações coletivas porque contam com o servilismo de CCOO e UGT que assinam todo quanto lhe botem. Os sindicatos nacionalistas deverão dobrar esforços para fazer frente a este novo despropósito.

Chegou o momento de lutar a favor de um modelo social que tenha em conta as necessidades da classe obreira, modelo baseado numha distribuição mais equitativa da riqueza, o qual só pode ser o socialismo. Frente a um patronato que quer impor as suas regras de jogo para ganhar, sempre para ganhar, considero que as greves e as mobilizações devem ser os instrumentos para ir avançando na conquista dos nossos direitos.

Porém, som as greves e as manifestações, em definitivo, e no fragor da luta onde a classe obreira toma consciência e saem os melhores líderes naturais do movimento obreiro. Quando há luta, a classe obreira organiza-se e forma-se e, ao mesmo tempo, acumula forças para melhorar a correlação de forças e, posteriormente, confrontar-nos ao patronato em melhores condições.

Perante um patronato totalmente crescido que quer aproveitar o contexto de crise para introduzir retrocessos nos direitos atingidos durante os últimos anos, a negociação coletiva deve seguir sendo um instrumento para impedir que fagam o que pretendem e nos cortem ainda mais os nossos direitos.

O governo imperialista espanhol, desde o momento mesmo da sua investidura, tomou balanço nos cortes dos nossos direitos que vai ser difícil frear. Baixou os salários dos funcionários públicos, quer impor as reformas laborais por decreto, o copagamento na sanidade, fomentar o ensino privado em detrimento do público, todo isso, afirmam, para afrontar a crise que os bancos gerárom, a casta política e os especuladores bolsistas, e que agora fám que a paguemos os que menos culpa temos.

Porém, este governo servil lacaio dos monopólios, nom vai a fazer nada, absolutamente nada, para combater a fraude fiscal, que no Estado espanhol se situa a volta de 23% do PIB (10 pontos por cima da média europeia) e pola qual se perdem milhares de milhões de euros. Fraude que repercute em mais e maiores impostos para os de sempre, as trabalhadoras e trabalhadores.

Nom vam fazer nada para que a Banca devolva ao erário público os milhares de milhons de euros que o anterior governo entregou de todas e todos nós para aumentar ainda mais os lucros dos seus acionistas e diretivos; em vez de facilitar o crédito às famílias e às empresas, erradicar as comissoons polos serviços bancários e que deixem de cobrar aos clientes mais humildes 30€ cada vez que a sua minguada conta fique sem saldo.

Cousa que acontece cada primeiro de mês, quando lhe cargam as faturas da compra, comunidade, telefonia, hipotecas, et cétera, e ainda nom nos pagárom a nómina.

Que ponha couto aos políticos corruptos, que os obriguem a devolver o dinheiro roubado e endureçam o Código Penal com procedimentos judiciais mais rápidos e com castigos exemplares para eles. Que ponha couto a eses salários desorbitados para deputados, conselheiros, concelheiros, altos cargos, et cétera, que ultrapassam os 7 mil euros mês. Que ponha couto a que os políticos incrementem o próprio salário na percentagem que lhes pete (sempre por unanimidade, claro, e no início da legislatura).

Que ponha couto às injustiças e as desigualdades que, eles mesmos promovem legislatura após legislatura, pois nom tem sentido que incrementem até 38 anos a cotizaçom para receber umha pensom e aos deputados lhes chegue só com sete anos, que aos membros do governo, para cobrarem a pensom máxima, só necessitem jurar o cargo.

Temos razons a mais para nos indignarmos; porém, continuamos a viver como se nada, como se todo isto nom fosse connosco. Todas estas medidas som injustas, repercutem negativamente na nossa vida, som inaceitáveis, som motivos mais que suficientes para nos rebelarmos e lutar.

A pior das atitudes é a indiferença, dizer "nom podo fazer nada, já me irei safando". Ao comportarmo-nos assim, perdemos um dos elementos essenciais que conforma o ser humano, um das suas componentes indispensáveis: a capacidade de se rebelar e de lutar por umha sociedade melhor e mais justa.

Quando algo nos remexe as tripas, como a mim me indignam as medidas restritivas e as reformas do governo, tornamo-nos militantes fortes e comprometidos. Nom podemos permitir que o governo siga espremendo-nos como limons. De facto, constatar esta realidade já deveria levar-nos ao compromisso de lutar

conseqüentemente polos nossos direitos.

Se observarmos, se olharmos ao nosso arredor, todas e todos temos razons suficientes para nos rebelarmos e lutar. E quando lutamos por algo que é justo e necessário, parecemos outros, mais alegres e felizes, porque quer dizer que dentro de nós ainda há algo vivo, ainda há esperança e determinaçom.

Prisom de Topas (Salamanca)

1 de janeiro de 2012

Quando a corrupçom fica à vista

O Estado que defende um punhado de oligarcas avarentos contra os interesses da imensa maioria do povo, pola sua própria essência, é um Estado corrupto e dirigido por delinqüentes declarados.

A corrupçom chega a todos os estamentos do Estado, desde as forças repressivas até a Coroa, passando polos políticos, juízes, empresários, banqueiros... todos estão implicados a fundo.

Entre os políticos, está a ex-corporaçom do PP em Gondomar, todos eles processados, condenados e em liberdade. E continuamos com operaçoms contra políticos corruptos, operaçom "Orquestra", os alcaides de Cee, Fisterra, Maçaricos e Corcubiom estão processados, mas todos livres. Da rede "Campeom" fôrom detidas e processadas 15 perssoas entre empresários e responsáveis do Igape, um organismo público mantido por todos e todas as contribuintes. Nesta rede estão implicados os deputados galegos Pablo Cobián (PP), Fernando Blanco (BNG) e o ex-ministro José Blanco (PSOE). Todos eles políticos corruptos com diferentes cargos e responsabilidades. Ninguém está rm prisom e estamos a falar de vários milhons de euros de calote de dinheiro das arcas públicas.

No caso "Arena", voltam a aparecer empresários e políticos corruptos, outro

deputado do PP, Xavier Escribano, salta à cena por estar no parlamento com o único objetivo de se fazer milionário enquanto mandam que o povo aperte o cinto ainda mais.

Ninguém está no cárcere. Como nunca lhes passa nada, por muito grave que for o delito, ficam confiantes e todos estão a concorrer para ver quem leva mais. Nas cadeias só estão os delinquentes das camadas populares, as leis figérom-se só para eles e para proteger os delinquentes dos aparelhos do Estado.

As forças repressivas, que teoricamente devem velar pela nossa segurança, som as que mais delinquem. Da esquadra policial de Sevilla desaparecerom 500 quilos de cocaína; dos tribunais de Valência desaparecerom outros 300 quilos e nunca mais se soubo deles.

Juízes, polícias, autoridades de todo o tipo envolvidas e ninguém vai para o cárcere. Detidos cinco guardas civis em Barcelona por colaborarem com um bando de ladrons. Estão livres.

Em Vigo, todo o mundo se lembra dos três polícias que assassinárom a sangue frio o empresário da pedra e a toda a família. O pouco tempo, obtivérom licença para saírem e já estão na sua casa.

Os casos que mais chamam a atençom som os das multas de trânsito de Lugo e a "Operaçom Carioca" pela quantidade de agentes detidos e acusados. E as relaçoms entre guardas civis, polícias, empresários, juízes e as máximas autoridades da cidade, o Subdelgado do Governo em Lugo Jesus Otero e o senhor Orozco, alcaide de Lugo, o que mais chama a atençom. Todos eles acusados de prostituçom, drogas, tráfico de mulheres e de influências. Nestas operaçoms há mais de cem pessoas imputadas, a maioria guardas civis, mas também há políticos, empresários e polícias.

Olhemos os casos mais graves e alarmantes. Armando Lorenzo Torre, cabo da Guarda Civil, responsável do Emume (Equipa da Guarda Civil dedicada a assistir a mulheres em perigo) processado por prostituçom, violaçom, ameaças, drogas e venda de armas. É o principal encausado e anda por Lugo tam tranquilo.

O capitám Andrés Manuel Velarde, envolvido no tráfico de mulheres e de drogas. Defensor e protetor do cabo Armando, nom permitia no quartel que ninguém criticasse o cabo. Aos guardas civis que nom entravam no esquema corrupto fazia-

lhes a vida negra. Está em liberdade e foi ascendido a comandante. Como vemos, nom os castigam, som premiados.

O brigada Julio Baquero, um cocainómano, vicioso e corrupto. Vários polícias locais sob as suas ordens, geriam a contabilidade e os seguros dos clubes de alterne. Em liberdade.

José Ramón Vazquez Rio, polícia local de Lugo, ex-chefe da Brigada Noturna. Terceira peça do núcleo duro a rede. Sócio protetor dos clubes *Queen 's* e *La Colina* em troca de drogas e favores sexuais gratuitos. Em liberdade e no ativo.

Eduardo Antonio Castro, subinspetor do Corpo Nacional de Polícia, manejava como queria no corpo policial o relativo aos clubes de alterne. Cocainómano e maltratador de mulheres. Em liberdade e no ativo.

A cúpula da Guarda Civil de Lugo, com o Tenente Coronel José Herrera Garcia-Lora à frente da Comandância, entre os anos 2000 e 2009, está envolvido na rede. Todos eles em liberdade e cobrando dos impostos a que nos submetem. A Herrera nom só nom o encerrárom senom que o ascendem a coronel e destinam a Canárias como chefe do centro de coordenação regional. Dérom-lhe destino de maior categoria, seguramente para que cale.

O dirigente do PSOE e Subdelegado do Governo em Lugo, Jesus Otero Calvo, é um dos envolvidos com maior responsabilidade. Demitiu-se do seu cargo quando saiu à opiniom pública a rede de multas. Também está processado na "Operaçom Carioca". O alcaide socialista, o senhor Orozco, também está processado, mas este nom se demitiu e continua de alcaide com apoio do BNG. Daí que acertemos quando gritamos "Bloque, PSOE, PP, a mesma merda é!".

Todos os corpos repressivos da cidade de Lugo estão envolvidos. Uns diretamente e outros por encobrimento e cobertura. Para já, há mais de oitenta agentes (dos três corpos) imputados, muitos deles comandos. Todos em liberdade e desfrutando de privilégios. Chegou o momento de atualizar a palavra de ordem de "depuraçom dos corpos repressivos".

Muitos políticos do PSOE e PP estão envolvidos em troca de serviços sexuais e consumo de cocaína. Também há importantes empresários galegos. Esses moralistas que aos domingos vam a missa e durante a semana andam de orgia em orgia polos clubes, gastando o dinheiro em prostitutas e coca. Dinheiro do esforço e

suor do trabalhador e trabalhadora. Todos eles estão em liberdade decretada pela Audiência Provincial.

O cabo Armando, quando levava vários cubatas e várias raías (todo grátis, além dos envelopes bem empetados de dinheiro) presumia das boas relações e da estreita amizade com juizes da Audiência Provincial e também com a Procuradoria.

Prostituição, 600 mulheres, a maioria em situação irregular, violação, maus tratos, drogas, armas... umha prostituta brasileira assassinada e os máximos responsáveis por estes delitos em liberdade. Ora bem, as prisões estão cheias de delinquentes de pouca monta. Sempre se diz que os verdadeiros delinquentes estão livres. Não se vão deter eles mesmos!

Estes factos mostram que a Justiça tem um selo de classe. Defende os poderosos e, por muitos crimes que cometerem, saem impunes; e castiga com muita dureza os trabalhadores e camadas populares.

Todos os dias sai alguma notícia sobre a operação "Orquestra", "Campeom", "Carioca", "Multas trânsito", "Arena", "Igabe", et cétera, et cétera, mas ninguém vai a prisão, parece ser que estão reservadas para os deserdados e para as moças e moços que lutam pela dignidade do seu país. Para estes últimos, não há presunção de inocência, desde um princípio já são culpados e sobre eles cai todo o peso da lei. Sobre os primeiros, inclusive quando são condenados, prevalece a presunção de inocência, por isso, o Governo, nos seus Conselhos e Ministros, os indultam. E aqui não passou nada!

Há que ver quanto ensina a prática judicial!. Quem diz que já não existe a luta de classes! Estamos vivendo-a em todas as facetas da vida, na laboral, na política, na social e na judicial. A luta de classes está presente permanentemente por muito que se esforcem alguns em negá-la.

Prisão de Topas (Salamanca)

1 de janeiro de 2012

Sobre a linha de massas

A organização de vanguarda elabora a sua linha política e os seus métodos de trabalho e organização, integrando os princípios do m-l às condições concretas da Galiza e em estreita relação com o movimento revolucionário das massas.

A vanguarda recolhe e analisa as experiências da luta das massas, sintetiza-as e as devolve-as elaboradas às mesmas massas para a sua aplicação e comprovação. Esta é a única linha de massas correta, o que faz com que o Partido se equivoque o menos possível, corrija a tempo os seus erros e permaneça sempre ligado a elas.

O Partido deve dirigir a maior parte dos seus esforços à tarefa da educação política e de organização da classe obreira. Neste sentido, o labor da vanguarda perante os obreiros e as obreiras está orientada a combater a confusão e a divisão que trata de criar perante eles e elas a burguesia, e contribuir para forjar a sua unidade e fortalecer as suas organizações de classe a fim de poderem confrontar com êxito o imperialismo.

Ao mesmo tempo que realizam esse labor, os seus militantes difundem a propaganda, fazem agitação política e tratam de atrair os obreiros e as obreiras mais avançadas, criando células e comitês do Partido em todos os lugares.

É nas grandes fábricas que concentram a parte mais numerosa, mais combativa e melhor organizada do proletariado, onde a vanguarda centra as suas forças, seguindo a orientação de as converter em verdadeiras fortalezas da revolução.

A vanguarda fomenta entre os/as obreiros/as a criação de todo tipo de organizações, desde as sindicais e de solidariedade, passando pelas culturais, até os grupos de autodefesa para castigo de fura-greves e bufos, et cétera.

As organizações de vanguarda e a sua militância apoiam-se e recebe ajuda dos simpatizantes e os obreiros avançados, encomendando-lhes distintas tarefas, por pequenas que forem.

Um lugar destacado nas tarefas da vanguarda ocupa a direção da luta sindical pela obtenção de melhorias económicas e sociais imediatas. Ali onde está presente, o Partido ocupa-se deste aspeto tam importante da luta de classes.

Neste sentido, a vanguarda combate e desmascara o papel de agentes do patronato e do governo dos sindicatos vendidos, e promove a luta mais resoluta e decidida, baseando-se nas assembleias como órgãos decisórios.

Ao mesmo tempo, a vanguarda promove os métodos de luta independente, de resistência com os planos de exploração, o boicote às manobras do governo, aos pactos e traições dos sindicatos: as assembleias e a eleição por elas de comissões de delegados que negociem com o patronato em nome de todos; as greves por motivos de solidariedade, as manifestações maciças na rua, a formação de piquetes de proteção, a desobediência civil, et cétera, som armas poderosas que tenham mostrado a sua eficácia nas mãos do proletariado e que há que promover em todas as partes.

Para realizar toda este labor, o Partido vai ali onde se acharem as massas, centrando-se principalmente nos obreiros sem partido, por serem os que se acham mais livres de ressaivos reformistas e, portanto, estão mais dispostos a seguir a linha revolucionária.

Além da classe obreira, há outros setores populares muito mais amplos que se acham confrontados ao regime imperialista espanhol e que se pode e deve ganhar para a luta, tais como os camponeses, o estudantado, os intelectuais democráticos, as mulheres trabalhadoras, a juventude, et cétera.

Perante todos eles, a vanguarda promove organizaçõs políticas democráticas de caráter independente que respondem a um mesmo objetivo de independência, socialismo e antipatriarcado.

A atuaçom da vanguarda no seio dessas organizaçõs é a de levar e defender a sua linha política, mas ao mesmo tempo observa e fai respeitar a sua independência, promove o seu desenvolvimento e critica as vacilaçõs próprias dos setores organizados nelas.

Prisom de Topas (Salamanca)

20 de janeiro de 2012

O partido leninista

"O Partido resume-o todo. Nele sintetizam-se os sonhos de todos os revolucionários ao longo da nossa história; nele concretizam-se as ideias, os princípios e a força da Revolução; nele desaparecem os nossos individualismos e aprendemos a pensar em termos de coletividade; ele é o nosso educador, o nosso mestre, o nosso guia e a nossa consciência vigilante, quando nós mesmos não somos capazes de ouvir os nossos erros, os nossos defeitos e as nossas limitações; nele somamo-nos todos e entre todos fazemos de cada um de nós um soldado espartano da mais justa das causas e de todos um gigante invencível".

Intervençom de Fidel Castro no primeiro Congresso do PCC.

No período de exacerbaçom das luitas de classes, da movimentaçom revolucionária do proletariado, da preparaçom direta das forças revolucionárias para derrocar o imperialismo, levar a cabo a revolução socialista e conquistar o Poder político, os velhos partidos da II Internacional, educados no parlamentarismo e inchados de conciliaçom, só serviam para levar inexoravelmente o proletariado à derrota.

Havia que organizar todo o labor do proletariado e o seu Partido num sentido revolucionário, imbuir nos obreiros e obreiras a ideia da necessidade da sua luta revolucionária polo poder e não por reformas. Havia que preparar e concretizar as

reservas, fundamentar e levar a cabo a aliança obreiro/camponesa e o achegamento e a colaboração mútua com os obreiros e as obreiras dos restantes países capitalistas. E emprestar especial atenção à luta de libertação nacional dos países oprimidos e dependentes.

Para todo isso, era necessário um partido de novo tipo, que conduzisse a classe obreira ao Poder, através da complexa situação existente e das mais árduas batalhas de classe que jamais o proletariado tinha livrado.

O Partido, como destacamento de vanguarda e núcleo dirigente da classe obreira, tem de incorporar nas suas filas os elementos mais conscientes, melhores e mais combativos da sua classe, assimilar as suas experiências e o seu espírito revolucionário, e estar dotado de uma teoria revolucionária de vanguarda que lhe permita dirigir o processo revolucionário. A tal fim, o Partido tem que aplicar em todo o momento uma linha de massas, de maneira que lhe permita permanecer ligado a elas, recolher e sintetizar as experiências da luta e organização das massas e devolvê-las a estas elaboradas, para a sua aplicação, a um nível superior.

Mas, como destacamento político da classe obreira, o Partido não se arrasta no encaço do movimento espontâneo; ao invés, eleva as massas até a profunda compreensão dos seus verdadeiros interesses de classe, marca os objetivos a conquistar e dirige-as na luta. Leva o proletariado à ofensiva no momento justo e indica quando é necessária a retirada, efetuando-a com ordem.

O Partido deve inculcar a disciplina às massas de obreiros e obreiras sem organizar, estender os métodos justos de luta, o espírito de organização e a firmeza combativa. Para isso, o Partido deve ser a personificação da disciplina consciente, a organização e a entrega revolucionária.

A disciplina férrea que caracteriza a organização conleva a unidade de vontade e de ação. É uma subordinação consciente da minoria à maioria, da parte ao todo, que tem lugar após o confronto de opiniões e a adoção democrática de decisões.

Os elementos oportunistas infiltrados no Partido semeiam o fracionalismo e são reacios a toda disciplina. Toda organização revolucionária que precisar de o ser, fortalece-se depurando-se de tais elementos, verdadeiros agentes da burguesia. Só libertando-se desse cancro se poderá apresentar perante o inimigo uma frente compacta e invencível.

O Partido, por ser o destacamento organizado da vanguarda da classe obreira, por ser a única organização proletária e de massas capaz de centralizar a direção da luta do proletariado, estar dotado de uma teoria de vanguarda e ter como objetivo a defesa dos interesses superiores e mais gerais de classe, é a forma superior de organização da classe obreira.

Desde os tempos de Marx, Engels e Lenine não mudou nada essencial no capitalismo, a sua essência continua a ser a mesma, a exploração do homem pelo homem.

O capitalismo monopolista de Estado continua a ser capitalismo, continua a ser imperialismo com mais fome e afã de expansão, se cabe.

Não alterou a base do modo de produção capitalista, da forma capitalista de exploração do proletariado. De acordo com as previsões leninistas, exacerbam-se todas as contradições capitalistas sob o imperialismo. Mais que nunca, hoje em dia o capitalismo não é senão "capitalismo parasita" e está a converter-se num enorme obstáculo para o desenvolvimento da humanidade.

Tal como previu Lenine, é a época da decomposição final do capitalismo. A história nunca dá marcha atrás, é o momento das revoluções socialistas, da construção do socialismo.

Nas nossas condições atuais, o leninismo continua a ser um guia imprescindível para interpretar a realidade da nossa época e transformá-la.

Prisão de Topas (Salamanca)

22 de janeiro de 2012

O camarada Telmo Varela leva preso desde 9 de março de 2011.

Primeiro na cárcere da Lama, posteriormente dispersado para o presídio espanhol de Dueñas (Palência) e atualmente em Topas (Salamanca).

Seguindo a melhor tradição do marxismo, tal como antes figérom Gramsci, Rosa Luxemburgo ou Fidel, por citar só alguns exemplos, Telmo, que é um ativista obreiro, um agitador, um sindicalista a pé de fábrica, um lutador de rua, quer contribuir de forma ativa nesta conjuntura de profunda crise sistémica para o rearmamento da esquerda revolucionária galega

Edita



Colabora



www.diarioliberalidade.org
Portal anticapitalista da Galiza e os povos lusófonos